

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal de Brasília Class.: 211

Data 12 de agosto de 1982 Pg.: 4



"Eu levanto a bandeira no campo das artes, em favor do índio brasileiro"

"Joana Negreiros é autodidata. Nunca sofreu pressões de formação acadêmica. É pura no seu instinto artístico e cultural, ligada que está às raízes de seu povo e de sua terra. Faz uma pintura honesta e inteligente sobre os índios, seus costumes e habitação. Mostra, paralelamente, a perda dessa mesma cultura sob a influência do homem civilizado.

O trabalho de Joana Negreiros é paciente, minucioso e preciso. Vale como documentação histórica, além do seu inegável valor plástico".

Com estas palavras, a professora de artes plásticas, Beatriz Ribeiro, define o trabalho da pintora Joana Negreiros, nossa entrevistada nesta edição, em que se comemora o Dia Nacional da Arte. Premiada em vários salões de pintura e tendo inclusive seu nome catalogado no livro do crítico de artes Djalma Vicenzi, Joana hoje, tem uma grande preocupação: o índio brasileiro. A través de sua série intitulada "Bye Bye Brasil", fundamentada em meses de pesquisas feitas a partir do contato direto com o índio do Amazonas, ela procura denunciar o processo de aculturação por que passa, registrando os últimos instantes da nossa mais pura cultura: a civilização indígena brasileira.



"Redes sobre o Rio Amazonas", premiado no Salão Riachuelo

Joana Negreiros: uma vida e arte dedicadas à cultura e defesa do índio brasileiro

JBr — Fale-nos sobre a sua arte. Como surgiu o interesse pela pintura?

Joana — Eu sempre gostei de desenhar, desde criança. Nesta época, não tive oportunidade de desenvolver a minha criatividade, tendo sido tolhida de diversas formas. Nas aulas de desenho, as professoras exigiam um padrão que eu já havia ultrapassado, porque desenhava muito bem. Com isso, fui me desinteressando pelo desenho, o que foi uma pena, pois é justamente nesta idade que nos mostramos artistas autênticos, realmente puros.

Mais tarde, veio o casamento, os filhos, sem nenhum contato com a pintura. Quando cheguei a Brasília, em 73, passei por um período difícil, de muita solidão. Foi aí que comecei a relacionar-me com pintores, poetas, artistas enfim, que me deram muito apoio. Para guardar meus discos, resolvi pintar um baú. Pode parecer um fato sem importância, mas foi o que marcou o meu retorno às artes. A partir de então, comecei a pintar com frequência, passando pelo que eu chamo de "fase azul". Eu era uma autodidata, pintava de forma instintiva, e por isso recorri ao azul, pois, desta maneira eu não pre-

cisava colocar à prova a minha capacidade de trabalhar com as cores. Por medo de não reproduzir a realidade com perfeição, eu misturava a fantasia e o real, a partir das coisas que via. Foi uma fase cheia de inseguranças, mas que me concedeu o primeiro prêmio, no 2º Salão da Independência, promovido pela Associação dos Artistas Plásticos do D.F. Recebi medalha de ouro com a série, formada por dois quadros, intitulada "Liberdade, Liberdade", e menção honrosa com a escultura "São Francisco e o Gavião".

Depois disso, procurando elementos para enriquecer meu trabalho, resolvi fazer uma pesquisa com os índios da Amazônia, onde vivi cerca de três meses, reencontrando minhas raízes (sou neta de índia), na reserva indígena de Maués. Nesse período, em que visitei várias tribos, procurei aprender tudo o que aquele contato poderia me proporcionar, esquecendo até mesmo da civilização em que vivia, pois, só assim conseguiria fazer algum trabalho mais sério e profundo. Foi a partir desta vivência com os índios que descobri uma identificação muito grande, o que passou a ser a real temática do meu trabalho.

JBr — Gostaríamos que você falasse um pouco mais sobre este tema, que é atualmente a inspiração para suas obras.

Joana — No meu trabalho, procuro reproduzir o que pude sentir com relação à perda da pureza do índio, e todo o processo de aculturação, ocasionado pelo contato com o branco. Nesta coleção-documento, que eu chamei de "Bye Bye Brasil", levanto a bandeira, no campo das artes, em favor da cultura indígena brasileira. Procuro reproduzir seus hábitos, sua cor, sua postura, enfim, tudo aquilo que o contato com a civilização e suas mazelas está fazendo desaparecer. São os últimos instantes da cultura do índio que começa a aprender a ler, usar relógio, vestir a camisa do Flamengo, tomar Coca-Cola, a se prostituir e ao mesmo tempo, a sua beleza, a sua pureza, seus hábitos, rituais e costumes.

JBr — Nós sabemos que sua car-

reira vem sendo recompensada com vários prêmios. Quais são eles?

Joana — O mais importante deles, foi o último, que recebi este ano. Com o quadro "Redes sobre o Rio Amazonas", fui a primeira colocada no Salão Riachuelo, promovido pela Marinha. Recebi também medalha de bronze, no 1º Salão da Mulher, com o quadro "Aculturação" e ainda o primeiro prêmio com "Capitães do Asfalto", no 5º Salão da Inconfidência. De certa forma, o que me deixa orgulhosa é o fato de ter sido premiada em todos os salões que participei.

JBr — Numa entrevista feita ao *Jornalzinho*, em maio de 81, o artista plástico Rubem Valentim disse que o mercado de artes em Brasília podia ser considerado incipiente. Você acha que esta afirmação ainda é válida?

Joana — Sem dúvida, o mercado de artes em Brasília ainda não é representativo. O público daqui, em sua maioria, vai às galerias a procura de obras de artistas de renome, como Picasso, Bianchetti e outros, esquecendo do valor artístico que uma obra de arte pode ter, ainda que não seja assinada por um nome famoso.

JBr — Existe por parte dos artistas brasileiros algum movimento no sentido de melhorar as condições para a realização do seu trabalho?

Joana — Infelizmente, ainda não existe entre os artistas, um comprometimento suficiente para que surja algum movimento neste sentido. Os artistas pouco se encontram e pouco batalham. E, na verdade, a gente só pode conseguir alguma coisa com muita batalha e sofrimento, não basta fazer coisas bonitas. É preciso ter coragem para enfrentar o mundo artístico.

JBr — Como você vê a projeção da arte brasileira em outros centros?

Joana — A projeção da arte não depende de Brasília ou do lugar, depende do trabalho em si. E por isso que eu admiro a carreira artística, pois é o próprio artista que constrói seu espaço.

JBr — Valentim diz ainda que a nossa arte está impregnada de estrangeirismos. Você concorda com ele?

Joana — Na verdade, existe uma

grande assimilação do que é feito nos grandes centros de arte, como a Europa. Mas, não é isto o que condeno, e sim os artistas que procuram se comparar com o que vem de fora. Nós precisamos mostrar as nossas cores, os nossos temas.

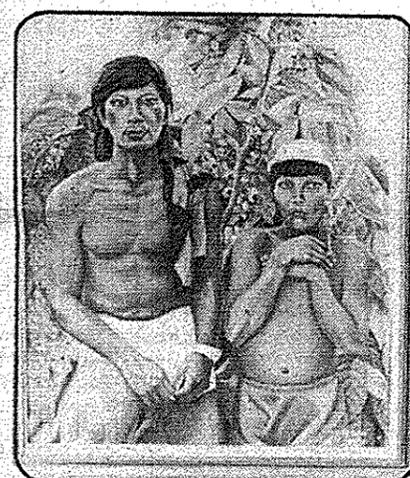
Uma ex-embaixatriz russa disse, certa vez, que o meu trabalho teria sido um dos únicos em que ela sentiu uma grande dose de brasileiro puro. E é isso que procuro mostrar. Até mesmo com as tintas. O vermelho, o preto e branco que uso, foram trazidos das tribos indígenas e, todos os tons de terra são frutos de pesquisas que fiz com produtos naturais encontrados no Amazonas. Nós precisamos explorar os nossos potenciais. O Nordeste, por exemplo, é uma fonte inesgotável de temas para qualquer artista.

JBr — Qual seria a perspectiva para o artista que começa agora?

Joana — O jovem artista precisa, acima de tudo, explorar aquilo que acredita e trabalhar a fundo, com todo o sacrifício, sem pensar, a princípio, em gratificações. Se a pessoa atinge o seu objetivo com relação ao que acredita, com certeza, ela não passará em brancas nuvens.



"Liberdade, liberdade" a "fase azul" de Joana.



O índio aculturado com o relógio no pulso e a camisa do Flamengo.